

# REPRESENTAÇÕES DO CONCEITO “PÃO E CIRCO” EM ROMA E NO BRASIL: UM ESTUDO COMPARATIVO\*

*Daniel Roberto Duarte Granetto (in memoriam)*\*\*

*Lourdes M. G. Conde Feitosa*\*\*\*

**Resumo:** *Esta reflexão teve o intuito de avaliar as diferentes apropriações do conceito “pão e circo” por mídias atuais brasileiras e compará-las com o sentido dessa suposta política nas representações latinas e historiográficas. Para tanto, mediante uma abordagem qualitativa, foram utilizados os procedimentos de pesquisa bibliográfica e documental. Esta é composta por fontes primárias do período do Principado Romano, em especial documentos escritos de três autores latinos da aristocracia: Sêneca, Tácito e Juvenal. Além disso, foram analisadas cinco matérias veiculadas em sites eletrônicos de notícias, uma de cada canal selecionado, no contexto da Copa do Mundo de 2018, sendo três editoriais (Manaus Alerta, Terra, Causa Operária) e dois artigos de opinião (Gazeta do Povo, El País). Foi verificado como cada matéria se apropriou e construiu significados para o *panem et circenses*. Como resultado, observaram-se interpretações diversas na maneira de entender o papel político e social da Copa do Mundo pelos veículos midiáticos selecionados, relacionadas às suas perspectivas políticas e ideológicas. Também, que muitos dos discursos presentes nas mídias examinadas possuem apropriações dos escritores latinos analisados neste texto, embora essa conexão não seja direta e consciente na maioria dos casos. Tais representações latinas serviram de base para a construção da chamada “política do pão e circo” pela historiografia tradicional no século XIX, perspectiva que por vezes encontra terreno em análises sociológicas contemporâneas acerca do futebol no Brasil, como aqui identificado. Desse*

---

\* Recebido em: 13/04/2021 e aprovado em: 10/09/2021.

\*\* Graduado em História pelo Unisagrado – Bauru/SP – *In memoriam*. Este texto apresenta os resultados da Pesquisa de Iniciação Científica realizada por Granetto com o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), realizada sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Lourdes M. G. C. Feitosa. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9404-6805>.

\*\*\* Doutora em História Cultural. Professora do curso de História e coordenadora do Lato Sensu em História, Cultura e Poder, ambos do Unisagrado – Bauru/SP. Professora do Mestrado em Educação Sexual, Unesp – Araraquara/SP. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7479-6054>.

*modo, consideraram-se as interações entre passado e presente, investigando seus usos e apropriações políticas no presente.*

**Palavras-chave:** *pão e circo; Roma; Brasil; futebol; representação.*

## **REPRESENTATIONS OF THE CONCEPT “BREAD AND CIRCUSES” IN ROME AND BRAZIL: A COMPARATIVE STUDY**

**Abstract:** *This research has as aim to evaluate different notions of the concept “bread and circuses” used by Brazilian media and to compare them with the meaning supposed in Latin and historiographic representations. Through a qualitative approach, this work has used bibliographic and documentary tools. The group of documents is composed by primary sources dating of period of Roman Principality, in particular, from documents written by three aristocrat Latin authors: Seneca, Tacitus and Juvenal. In addition, five articles on electronic news were analyzed, one from each selected channel, in the context of the 2018 World Cup, three editorials (Manaus Alerta, Terra, Causa Operária) and two opinion articles (Gazeta do Povo, El País). Thus, it was analyzed how in each article it was appropriated and built meanings for the terms *panem et circenses*. Finally, as a result, we conclude that there is diversity in the way of understanding the political and social role of the World Cup by each media selected, considering the relation of their political and ideological perspectives. We also have observed that many of the texts present of examined papers have used mentions from the Latin writers detached in this article, although this connection is not direct and even conscious in some cases. Such Latin representations were basic in the construction of so-called “bread and circuses policy” by traditional historiography in the 19th century. This perspective sometimes finds ground in contemporary sociological analyzes about football in Brazil. Finally, the present research detached aspects of interactions between past and present by using these regular terms with diverse political appropriations and uses.*

**Keywords:** *bread and circuses; Rome; Brazil; football; representation.*

### **Introdução**

O conceito de representação é extensamente discutido pela comunidade interdisciplinar dos estudos sociais a fim de assinalar o viés subjetivo da cosmovisão por trás dos discursos dos sujeitos. No caso da História, refere-se às inúmeras leituras possíveis do passado, consoante as circunstâncias do observador presente. Desse modo, Roger Chartier (1991, p. 177) considera “[...] não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles”.

A chamada “política do pão e circo” – *panem et circenses* – consiste em uma construção historiográfica que remonta ao Renascimento, consagrada pela historiografia positivista do século XIX, a qual retratava a plebe romana como passiva e despolitizada, imersa no ócio, com tendências agressivas e gosto pela violência (FAVERSANI, 2000). Essa mesma plebe deveria ser entretida com espetáculos e alimentada com provisões do Estado e das elites, evitando possíveis revoltas pela domesticação das massas (GARRAFFONI, 2005). Apesar de essa construção permanecer viva ainda no século XXI no ambiente popular coletivo, a historiografia moderna procura rever a compreensão da dinâmica complexa da sociedade romana, promovendo a análise de múltiplos elementos que interagem nessa sociedade, tais como os aspectos político, religioso, cultural e identitário, para além dos simples prazeres, diversão, alienação e coerção presumidos pela historiografia tradicional (GUARINELLO, 2007).

O uso das fontes primárias do Principado Romano é de extrema relevância para a (des)construção desses pressupostos. Assim, autores como Friedländer (1947), Mikhail Rostovtzeff (1983), Paul Veyne (2015), Jérôme Carcopino (1991) e Jean-Noël Robert (1995) utilizam fontes literárias de escritores latinos da aristocracia romana, tais como Cícero, Horácio, Sêneca, Juvenal e Tácito, e interpretam-nas de acordo com concepções prévias de seu próprio tempo, de modo a construir uma imagem estereotipada da sociedade romana.

Esse mesmo viés está presente entre autores mais recentes do século XX. Veyne (2015), em sua escrita nos anos 1970, defende que as camadas sociais romanas consideravam a sua posição um fato natural e inquestionável, insinuando uma sociedade passiva, submissa e sem conflitos. Da mesma forma, Robert (1995), nos anos 1980, persiste na tese de uma plebe desocupada com base em fontes literárias e arqueológicas, tendo inclusive um olhar idealizado sobre o campo (local de sabedoria) e a cidade (recinto de luxúria e devassidão), típico dos escritores latinos. Concepção antes identificada em Rostovtzeff, historiador positivista do início do século XX, ao considerar o escritor Tácito o último grande historiador romano, depois do qual tudo o que se escreveu sobre o Principado, seja por historiadores antigos ou modernos, “[...] não passa de um pálido reflexo de seu gênio ou de um extrato seco e sem vida de seus escritos” (ROSTOVTZEFF, 1983, p. 194).

Contudo, nas últimas décadas historiadores têm reinterpretado as fontes primárias, chegando a novas conclusões. Pesquisadores como Garraffoni

(2007), Omena (2007) e Faversoni (2012) registram que a plebe romana possuía relativa participação nos assuntos da política do Estado, atuando em diversas esferas da vida social. Isso pode ser verificado tendo em vista que a distribuição de víveres pelo Império se restringia a uma parcela ínfima da sociedade e não seria suficiente para manter uma grande população em situação permanente de ócio, como também destacam Corassin (2006) e Araujo e Vieira (2015). Guarinello (2007, p. 128), por sua vez, rebate a pretensa sede de sangue da plateia dos jogos ao demonstrar que: “Os anfiteatros funcionavam como uma espécie de microcosmo da sociedade romana, como parte e reflexo da vida cotidiana”.

Para Renata Garraffoni (2007, p. 246), as lutas gladiatoriais constituíam-se em espaços ativos de participação política na vida da cidade, por vezes expressos em momentos de conflitos. A autora refuta a tese tradicional de uma plebe romana passiva e violenta, sobretudo em meio a jogos e espetáculos, mediante o uso adequado das mesmas fontes, literárias e arqueológicas examinadas por Robert e outros teóricos dessa vertente historiográfica.

O conceito do “pão e circo” está presente no imaginário coletivo social da atualidade e encontra espaço nas mídias brasileiras de variadas formas, mas principalmente em época de Copa do Mundo, momento em que há a tendência de se relacionar futebol à política (GARRAFFONI, 2008). Logo, embora seja com frequência discutido se o futebol no Brasil seria um instrumento de alienação pelo Estado, a ideia de que os romanos viviam a chamada “política do pão e circo” poucas vezes é questionada, e a expressão é explicitamente utilizada nas discussões sociológicas de muitos jornais de filiações político-ideológicas distintas.

Daí o intento deste artigo. Refletir sobre o uso frequente dessa expressão e conceito no imaginário popular coletivo, por meio de cinco matérias do período da Copa do Mundo de 2018 selecionadas em sites eletrônicos de notícias, a fim de analisar como cada canal se apropria e constrói significados para o *panem et circenses*, bem como a relação e os discursos operados entre esporte e política no contexto atual brasileiro.

Para isso, inicialmente faz-se necessário abordar algumas tendências da atual sociologia política do esporte, já que as matérias midiáticas escolhidas fazem menção direta ou indireta a alguns pressupostos derivados desse campo do conhecimento. Logo, o estudo dessas tendências serve de apoio à análise das matérias aqui analisadas.

## Sociologia política do esporte

Merece destaque, em primeiro lugar, a Teoria Crítica do Esporte, elaborada no contexto da contracultura da década de 1960 por intelectuais da chamada Nova Esquerda, inspirados pelos estudos da Escola de Frankfurt. Surgiu a princípio na Europa, onde é representada por autores como Bero Rigauer (1981) e Jean-Marie Brohm (1976). Essa corrente teórica defende, de forma geral, que o esporte moderno “[...] reproduz a lógica do trabalho, reforçando seu caráter de mercadoria, de reificação e de disseminador de ideologia” (VAZ, 2001, p. 89). Com base em uma relação estrutural e conceitual com o trabalho, o esporte profissional, de alto rendimento, é entendido como repressor, por perpetuar a dominação individual e de classe, principalmente na sociedade capitalista.

Portanto, nota-se que a Teoria Crítica do Esporte possui estreita associação com a historiografia do século XIX, pois autores como Guttmann (1978) abordam os espetáculos romanos como uma modalidade antiga de esporte, em paralelo com o esporte moderno. Logo, essa corrente não leva em conta o aspecto religioso dos jogos romanos, e perpetua, dessa forma, a noção do uso político e racionalizado desses eventos como instrumento de controle da plebe.

No âmbito brasileiro, essa teoria foi difundida e investigada por autores como Kátia Brandão Cavalcanti (1984) e Valter Bracht (2005). Eles argumentam, de igual modo, que o universo do futebol no Brasil e no mundo é marcado por uma rede de interesses entre corporações e por líderes que atuam nos bastidores longe da vista do público. Com efeito, o jornalista Amaury Ribeiro Júnior et al. (2014) trata em sua obra da profunda corrupção nesse universo, ressaltando que, por trás dos ídolos e apresentadores sorridentes, há “[...] uma poderosa máquina de maquiagem o esgoto que corre nos subterrâneos do futebol” (RIBEIRO JÚNIOR, 2014, p. 142). Com isso, apesar de não pertencer diretamente à Teoria Crítica do Esporte, tecendo inclusive uma defesa do futebol como patrimônio do Brasil, essa obra assinala o grande negócio que se tornou esse esporte, o que também é verificado com a elitização da torcida nos estádios.

Contudo, essa vertente vem sofrendo críticas de diversos estudiosos, como Hans Lenk (1979) e Eric Dunning (1999), bem como do antropólogo brasileiro Roberto DaMatta (1982), para quem o esporte, em particular o futebol, dispõe de um lugar privilegiado na formação da identidade do Bra-

sil. Além disso, pesquisadores como o medievalista Hilário Franco Júnior (2007) assinalam a forte ritualização presente no mundo esportivo atual, inclusive no futebol, entendido pelo autor como uma imitação da vida, metáfora sociológica, antropológica, religiosa, psicológica e linguística das relações sociais e do cotidiano.

Essa linha de pesquisa afasta-se, portanto, da Teoria Crítica do Esporte, referente ao caráter secularizado e político do esporte moderno, e da historiografia do século XIX em relação ao uso político dos espetáculos romanos antigos. Da mesma maneira, aproxima-se das novas abordagens historiográficas que reconhecem a presença de variados outros elementos nos jogos de Roma, para além do simples entretenimento, ressaltando a função religiosa desses eventos.

Observa-se, desse modo, que o conceito tradicional de “pão e circo” – plebe romana passiva, despolitizada e manipulada pelas elites – continua presente no imaginário social da atualidade, apesar de sua revisão pela historiografia mais recente. Embora seja com frequência discutido se o futebol no Brasil seria um instrumento de alienação pelo Estado, a ideia de que os romanos viviam a chamada “política do pão e circo” poucas vezes é questionada, e a expressão é explicitamente utilizada nas discussões sociológicas de muitos jornais de filiações político-ideológicas distintas.

Nota-se que as relações entre esporte, Estado e sociedade são permeadas de um intenso debate entre os estudiosos da sociologia política e crítica do esporte. Tal divergência indica a necessidade de um exame acurado dos objetos de estudo, levando-se em conta a complexidade do tema, sem cair em simplificações.

### **Os jornais selecionados e o uso do conceito “pão e circo”**

Dentre as dez matérias de diferentes portais eletrônicos de notícias no contexto da Copa do Mundo de 2018, cinco delas foram selecionadas, uma de cada canal: *Manaus Alerta*, *Gazeta do Povo*, *El País*, *Terra* e *Causa Operária*. Cada um deles oferece uma perspectiva a respeito da ideia de “pão e circo” aplicada ao cenário romano e brasileiro. Trata-se de três editoriais (*Manaus Alerta*, *Terra* e *Causa Operária*) e dois artigos de opinião (*Gazeta do Povo* e *El País*). Esses cinco canais foram escolhidos pela sua diversidade de elementos, tanto em conteúdo quanto em forma, que permitiram análise mais abrangente dos usos de ideias e conceitos relacionados à política e ao futebol.

Foram utilizados veículos independentes de notícias (*Manaus Alerta* e *Causa Operária*) e também aqueles filiados a grandes conglomerados da comunicação (*Terra*, *Gazeta do Povo* e *El País*). Também, selecionados portais com quatro diferentes posições político-ideológicas: a esquerda frankfurtiana (*Manaus Alerta*), a social-democracia (*Terra* e *El País*), a esquerda marxista radical (*Causa Operária*) e a direita conservadora brasileira (*Gazeta do Povo*).

É importante destacar a forma como as fontes literárias de escritores latinos do Principado representaram a sociedade romana, podendo contribuir para a (des)construção do conceito de *panem et circenses* – perceptível nas matérias analisadas. Assim, a seleção se centrou em três autores em particular: Sêneca, Tácito e Juvenal. Os dois primeiros estão reconhecidamente vinculados aos setores aristocráticos da sociedade romana (OMENA, 2007). Acredita-se, em geral, que Juvenal também possuía algum vínculo com certos estratos da aristocracia, embora esse seja um ponto de controvérsia (VITORINO, 2003). Além de seus vieses aristocráticos, esses autores foram os mais usados para respaldar a ideia de “pão e circo” que serviria de inspiração aos historiadores do século XIX, fato que justifica a escolha do trio para esta reflexão.

Verificou-se uma diversidade na maneira de entender o papel político e social da Copa do Mundo por parte de cada veículo. *Manaus Alerta* e *Gazeta do Povo* sustentam que esse evento serve como mecanismo de alienação da população pelo Estado, por afastá-la das grandes questões políticas e necessidades do país, à semelhança do procedimento operado pelos imperadores romanos. Essa perspectiva de *Manaus Alerta* deriva de seu alinhamento com a Escola de Frankfurt e com a Teoria Crítica do Esporte, que veem o futebol como elemento da indústria cultural e reprodutor da ideologia hegemônica que transforma os indivíduos em consumidores. Já no caso da *Gazeta do Povo*, essa postura se justifica pelo viés conservador do jornal e do articulista, que consideram o futebol um modo de afastar a sociedade brasileira da cultura letrada e erudita dos países europeus desenvolvidos, merecedora de maior importância do que eventos esportivos. Observa-se que ambos os canais chegam à mesma conclusão, porém por caminhos diferentes.

Por outro lado, os veículos *El País*, *Terra* e *Causa Operária* negam essa tese em favor de uma compreensão mais complexa do significado do futebol na sociedade brasileira, visto como parte integrante da cultura na-

cional e terreno propício ao debate político. Há uma aproximação com a perspectiva de autores como DaMatta (1982) e Hilário Franco Jr. (2007), críticos da Teoria Crítica do Esporte, herdada da Escola de Frankfurt, e da objetificação do sujeito histórico em seu espaço de ação e vivência cultural, conforme se mostra presente em *Manaus Alerta*.

Esses canais se afastam da perspectiva conservadora de *Gazeta do Povo* ao não considerarem a cultura erudita europeia superior às práticas culturais populares de países como o Brasil. No caso de *El País* e *Terra*, essa postura justifica-se por sua concepção social-democrata, que valoriza e respeita a diversidade das manifestações culturais. No caso de *Causa Operária*, há um engajamento aberto e declarado por parte da esquerda ao futebol e à Copa, perceptível no líder do jornal, militante do PCO, partido de extrema-esquerda.

Os portais *El País* e *Terra* exibem certa sintonia com a Teoria Crítica do Esporte no que se refere à questão dos interesses econômicos por trás de grandes eventos esportivos como a Copa, financiados pelas corporações como parte de uma extensa gama de corrupção em âmbito nacional e global. Logo, a ideia de que o futebol se tornou um formidável negócio lucrativo distante do anseio popular está de acordo com a percepção de Amaury Ribeiro Jr. et al. (2014). Somente o *Causa Operária* realiza uma relativa crítica à atribuição do *panem et circenses* a Roma Antiga.

Os demais analisados empregam a expressão sem questionar a sua fabricação e validade histórica, atendo-se apenas à discussão entre o uso do esporte em conexão com a política no Brasil contemporâneo, além de seguirem a leitura da historiografia tradicional sobre a sociedade romana. Segundo *Manaus Alerta*, os espetáculos promovidos em Roma teriam tido, a princípio, origem religiosa, mas foram vertidos, com o tempo, em espaços de violência, a fim de propiciar prazer aos espectadores. Na literatura antiga, essa perspectiva é identificada no texto de Sêneca: “O homem – que para o homem devia ser coisa sagrada – é exposto à morte apenas para servir de divertimento; já era sacrilégio treinar homens para ferirem e ser feridos – agora atiramo-los para o circo nus e inermes, basta-nos a simples morte como espetáculo!” (SÊNECA. *Epistulae Morales*, XCV, p. 33).

É relevante destacar que esse filósofo estoico do século I d.C., preceptor do jovem imperador Nero, repudia em seus escritos qualquer atividade que não promovesse o engrandecimento da alma pela virtude, mediante o estudo da filosofia. Isso se deve ao fato de o estoicismo constituir uma escola filosó-



fica que buscava libertar o homem de emoções destrutivas, como a raiva, a inveja e o ciúme, o que era alcançado com a elevação do espírito em direção ao estado equilibrado de serenidade e abnegação (FAVERSANI, 2012).

Por isso defende a *clementia*, “[...] que nos ensina a poupar a vida alheia tanto como a nossa própria e que sabe que um homem não deve desperdiçar a vida de outro homem” (*Epistulae Morales*, LXXXVIII, 30; 2004, p. 425) e censura “toda a actividade vazia de sentido” (*Epistulae Morales*, XXXI, 4; SÊNECA, 2004, p. 117). Condena o ócio e a dissolução dos costumes tradicionais de Roma: “... à frente de todos coloco aqueles que não têm tempo para nada, exceto para o vinho e os prazeres, pois ninguém tem ocupação mais torpe” (*De brevitae vitae*, VII, 1; 2017, p. 16). Nessa visão pessimista da sua própria época, Sêneca enaltece o passado romano, idealizado como um período de glória e da presença dos valores morais aristocráticos, que, segundo ele, eram isentos da corrupção dos costumes desencadeada sobretudo após o Principado de Augusto. Essa mesma tendência está clara em Juvenal e Tácito.

O poeta satírico Juvenal viveu na passagem do século I para o II d.C. Suas obras são igualmente permeadas de forte valor moral e avessa à plebe romana, descrita como imersa em vícios, apática, dependente do pão e do circo fornecidos pelo Império (GARRAFFONI, 2005). Contudo, é preciso atenção às palavras do autor. Neste excerto, afirma que “[...] entre la plebe ínfima hallarás un romano con facilidad de palabra; es el que suele defender las causas del noble inculto” (*Sátiras*, VIII, 47-49; 1996, p. 106). O poeta recorre à ironia ao dizer que apenas um sujeito da plebe “cidadã” seria capaz de “defender as causas do nobre inculto”, mostrando que os setores mais abastados também são alvo de sua sátira mordaz, apesar de ele mesmo pertencer à aristocracia. Tal aspecto particularmente o distingue dentre os demais escritores aristocráticos do período, inclusive de Sêneca e Tácito.

Juvenal considera um dos vícios de Roma o investimento em combates de gladiadores por parte de membros abastados da sociedade, como ao dizer: “Éstos, otrora cornetas y visitantes sempiternos de la arena municipal, [...] dan ahora combates de gladiadores, y cuando el público lo ordena volviendo el pulgar, degüellan indiscriminadamente” (*Sátiras*, III, 34-37; JUVENAL, 1996, p. 25). Essa passagem descreve, portanto, os jogos na arena, levando em conta apenas o aspecto da violência e do desejo de sangue com frequência atribuídos à plateia, sem ponderar os demais elementos que compõem a complexidade desse fenômeno típico de Roma (GUARINELLO, 2007).

Por outro lado, Sêneca, embora também qualifique os jogos da arena do circo como uma “sangrenta brutalidade”, afirma que os gladiadores poderiam “[...] jogar fora as armas e apelar para a clemência do público [...]” (*Epistulae Morales*, XXXVII, 2; 2004, p. 132), pondo em xeque a declaração anterior de Juvenal. Logo, depreendem-se disso o teor dramático e o recurso hiperbólico nas sátiras desse poeta, da mesma forma que Tácito recorre à dramatização em seu relato historiográfico.

Outro aspecto tratado em *Manaus Alerta* é a distribuição de víveres à plebe pelo imperador romano, que permitiria consolidar a sua popularidade entre os setores mais pobres do Império. Esse mecanismo de controle, junto com os jogos da arena e espetáculos variados, fica evidente em Tácito, historiador do auge da prosperidade e da paz romana que viveu de 56 a cerca de 117 d.C. A partir de sua perspectiva aristocrática, considera como degradação da sociedade a ascensão social, sobretudo dos libertos, vista como uma administração deteriorada da vida pública (FUNARI; GARRAFFONI, 2016).

Tal pessimismo está implícito em sua obra *Diálogo dos Oradores*, publicada por volta do ano 102, na qual tece, pelo recurso da ironia, uma crítica indireta à estrutura imperial, pautada na centralização do poder nas mãos de um único governante, atribuindo o sucesso da *Pax Romana* na instauração do Principado a uma série de fatores, tais como: “[...] a longa quietude dos tempos, o contínuo ócio do povo, a assídua tranquilidade do Senado e, principalmente, a disciplina dos príncipes [...]” (*Diálogo dos Oradores*, XXXVIII, 2; TÁCITO, 2014, p. 36). Nota-se, nesse trecho, a referência ao “contínuo ócio do povo” (*continuum populi otium*), o que representa uma visão estigmatizada da plebe.

Outra tendência de Tácito é associar os escravos com a plebe, devido à falta de laços de dependência que os manteriam, a seu ver, sob controle das casas aristocráticas de Roma (JOLY, 2004). Essa postura é ilustrada no prefácio às suas *Histórias*, no qual descreve o quadro social de Roma após a morte de Nero no ano 68 d.C.: “Mas, a plebe sórdida que frequenta o circo e os teatros e com ella os escravos mais infames, os que, depois de terem consumido os seus bens, viviam do opprobrio de Nero, estavam tristes e prestavam ouvidos a todos os boatos” (*Histórias*, I, 4; TÁCITO, 1937, p. 16). Nesse excerto, emprega-se a expressão latina *plebs sordida*, um modo pejorativo de referir-se aos cidadãos pobres de Roma que, segundo o autor, teriam sido vergonhosamente dependentes do favor de Nero. Cabe destacar que representações como essa serviram de inspiração à formulação da

historiografia do “pão e circo” no século XIX, conforme demonstrado pela tese de Paul Veyne (2015) de que os estratos mais humildes da sociedade romana seriam dependentes de indivíduos das camadas mais abastadas que ocupavam altos cargos, como políticos e aristocratas, em um sistema de doação chamado evergetismo.

O perfil aparentemente apático, ocioso e despolitizado da população brasileira, retratado tanto em *Manaus Alerta* quanto em *Gazeta do Povo*, igualmente encontra terreno entre os escritores latinos do Principado em relação à plebe romana. Sêneca, por exemplo, recrimina qualquer prática que não promova o engrandecimento da alma pela reflexão filosófica, o que fica claro ao comentar: “Seria longo percorrer exemplos de cada um daqueles cuja preocupação com jogos de tabuleiro ou com a bola ou com bronzear o corpo ao sol consumiu sua vida” (SÊNECA. *De Brevitate Vitae*, XIII, 1). É curioso notar a referência do filósofo ao jogo de bola praticado pelos romanos, precursor distante do futebol moderno (GUTTMANN, 1978). Sêneca também retrata a plebe como volúvel e inconstante, ao afirmar: “O povo esfomeado não aceita razões, nem se acalma com o que é justo, nem se dobra por nenhum apelo” (SÊNECA. *De Brevitate Vitae*, XVIII, 5), daí a necessidade de o Estado romano estar atento a essa demanda da plebe, para mantê-la apaziguada.

Outrossim, a crítica à corrupção na política e no esporte, destacada em *El País e Terra* com respeito à gestão do futebol no Brasil, também possui paralelo entre os escritores latinos, em seu retrato dos primeiros imperadores de Roma como tiranos mais ou menos dissimulados. É o caso de Tácito, ao descrever do seguinte modo a postura ambígua de Tibério no cargo: “Não gostava dos homens probos e odiava os viciosos: daqueles temia que adviesse para sua pessoa algum perigo, destes, desonra para a República” (TÁCITO. *Annales*, I, 80). Ele também ilustra a exímia habilidade de Tibério em ocultar sua tirania e se manter no poder com a manipulação do Senado a seu favor: “Tibério, reforçando os poderes do principado, deixara ao Senado uma aparência da liberdade antiga, mandando ao conhecimento dele os pedidos das províncias” (TÁCITO. *Annales*, III, 60).

Também cabe tratar da alegação do canal *Causa Operária* no que concerne ao sentido original da expressão *panem et circenses*. Segundo o portal, essa seria uma referência aos setores mais abastados da sociedade romana, em vez de uma alusão às camadas populares, como consagrado pela historiografia tradicional no século XIX. Com efeito, Juvenal, embora

erroneamente referido como Petrônio nesse veículo, faz uma caricatura dos ricos enquanto ávidos por uma vida de diversão e ócio, o que deixa transparecer em diversas passagens, inclusive naquela em que emprega a famosa expressão: “*Pues quien antes confería imperio, fasces, legiones, todo, ahora se contiene y sólo anhela con avidez dos cosas, pan y juegos del Circo [panem et circenses]*” (JUVENAL. *Sátiras*, X, 78-81).

Em outra ocasião, Juvenal faz menção pejorativa a uma mulher da aristocracia chamada Ogúlnia, a qual, para assistir aos jogos do Circo Máximo de Roma, “[...] alquila una indumentaria, alquila acompañantes, una silla, un cojín, amigas, una nodriza y una chica esclava de cabello rubio para encargarle recados” (JUVENAL. *Sátiras*, VI, 352-354). O poeta retrata as camadas populares com o mesmo tom de desprezo e humor burlesco, como quando afirma que “[...] entre la plebe ínfima hallarás un romano con facilidad de palabra; es el que suele defender las causas del noble inculto” (JUVENAL. *Sat.*, VIII, 47-49).

Destarte, apesar de pertencer à ala aristocrática de Roma, o satírico aplica a noção de ócio comunicada na expressão *panem et circenses* tanto às camadas abastadas quanto às populares (GARRAFFONI, 2005). Sua crítica inclui todos os setores da sociedade imperial, o que o destaca dentre outros escritores da elite romana como Tácito e Sêneca (VITORINO, 2003). Portanto, a alegação do canal *Causa Operária* não se mostra completamente de acordo com a análise direta das fontes do próprio Juvenal nem com as observações de pesquisadores modernos como Garraffoni (2005) e Vitorino (2003).

## Considerações finais

Identificaram-se, nesta análise, discursos contemporâneos que se apropriaram da chamada “política do pão e circo”, conceito construído pela historiografia tradicional que estudou a Antiguidade Romana no século XIX baseado em fontes aristocráticas, e revisado pela historiografia nas últimas décadas. Para tanto, foram observados cinco sites brasileiros de notícias da época da Copa do Mundo de 2018, indicando a conexão destes com as representações de escritores latinos do Principado.

Estes, em vista de seu pertencimento à aristocracia romana, possuíam um olhar estigmatizado a respeito das camadas mais pobres de Roma, marcado por um forte senso moral baseado nos valores aristocráticos romanos

e por uma visão idealizada do período republicano, contraposta ao momento em que escrevem, já no Império, considerado como degenerado e imerso em vícios. Dentre esses vícios, destacam-se a corrupção dos primeiros imperadores, retratados como tiranos mais ou menos dissimulados; os espetáculos das arenas, anfiteatros e outros locais públicos, tidos como palcos de sangrentas brutalidades; a sede de sangue e diversão por parte dos espectadores desses jogos; e, afinal, a apatia e a vida ociosa da plebe romana, que desejaria viver apenas do “pão e circo” oferecidos pelo Império. Cada um desses elementos está presente, em maior ou menor grau, nas matérias analisadas referentes à Copa do Mundo de 2018.

Observou-se uma diversidade na maneira de entender o papel político e social desse evento esportivo nas cinco matérias examinadas. De fato, o foco de sua discussão está centrado em se o futebol no Brasil seria uma ferramenta de despolitização das massas ou se, ao contrário, parte importante do patrimônio cultural do país. Observa-se, nesse sentido, a presença de diferentes tendências da sociologia do esporte, notavelmente, de um lado, a Teoria Crítica do Esporte, e, do outro, antropólogos e intelectuais que se afastam dessa vertente.

Assim, os canais com orientação da Teoria Crítica do Esporte (*Manaus Alerta*) ou de tendência conservadora (*Gazeta do Povo*) entendem que o futebol no Brasil seria um instrumento de alienação das massas. Por outro lado, os canais com viés político orientado à social-democracia (*El País e Terra*) e à esquerda marxista radical (*Causa Operária*) negam essa tese em favor de uma compreensão do significado mais complexo do futebol na sociedade brasileira, visto como parte integrante da cultura nacional e terreno propício ao debate político. Cabe ressaltar, diante disso, a necessidade de um exame acurado dos objetos de estudo, levando-se em conta a complexidade do tema; a interpretação da historiografia tradicional dos autores antigos; os olhares críticos dos novos estudos e, fundamentalmente, como as representações da prática social resultam das contradições e dos confrontos pelos quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles, como já enfatizado por Chartier (1991).

**Agradecimentos:** Nossos agradecimentos a Renata S. Garraffoni, Fábio Faversoni, Norberto Luiz Guarinello, Luciane M. Omena; Pedro Paulo A. Funari, Fábio Joly, Mônica Vitorino, Hilário Franco Júnior e ao Grupo de Pesquisa Antiguidade e Modernidade: História Antiga e Usos do Passado,

da Unifesp, pelas contribuições às reflexões realizadas neste artigo. Também ao CNPq, pelo apoio financeiro ao Daniel R. D. Granetto. A responsabilidade pelas ideias apresentadas restringe-se aos autores.

## Documentação escrita

JUVENAL. *Sátiras*. Trad. Bartolomé Segura Ramos. Madrid: CSIC, 1996.

SÉNECA. *Cartas a Lucílio*. Trad. J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

\_\_\_\_\_. *Sobre a brevidade da vida*. Sobre a firmeza do sábio. Trad. José Eduardo S. Lohner. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

TÁCITO. *As Histórias*. Trad. Berenice Xavier. Rio de Janeiro: Athena, 1937.

\_\_\_\_\_. *Anais*. Trad. Leopoldo Pereira. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1964.

## Documentação midiática

A COPA é pão e circo? *Causaoperaria.org.br*, 03 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.causaoperaria.org.br/trecho-radio-21/>>. Acesso em: 30 jan. 2020.

ANGELIS, C. T. A queda dos espertos: perder no futebol para ganhar culturalmente. *Gazetadopovo.com.br*, 06 jul. 2018. Artigos. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/artigos/a-queda-dos-espertos-perder-no-futebol-para-ganhar-culturalmente-50cdv92rabqx5reqipgha6718/>>. Acesso em: 30 jan. 2020.

O QUE é a política do Pão e Circo, ela ainda existe nos dias de hoje? *Manausalerta.com.br*, Manaus, 18 jun. 2018. Disponível em: <<https://manausalerta.com.br/o-que-e-a-politica-do-pao-e-circo-ela-ainda-existe-nos-dias-de-hoje/>>. Acesso em: 30 jan. 2020.

PIRES, B. Por que tanta gente torce contra a seleção. *Brasil.elpais.com*, São Paulo, 14 jun. 2018. Brasil. Opinião. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/11/deportes/1528747973\\_869695.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/11/deportes/1528747973_869695.html)>. Acesso em: 30 jan. 2020.

TORCER é também um ato político? *Terra.com.br*, 20 jun. 2018. Notícias. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/torcer-e-tambem-um-ato-politico,b4fa8cc09ca7a2314d9885b7b3975d02v6jo6zsc.html>>. Acesso em: 30 jan. 2020.

## Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, A. A. L.; VIEIRA, A. L. B. As visões historiográficas sobre o “pão e circo”: a *plebs* no contexto político-social da Roma imperial, séculos I – II d.C. *Revista Mundo Antigo*, Niterói, v. 4, n. 7, p. 27-47, jun. 2015.
- BRACHT, V. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. (Coleção Educação Física). 3. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.
- BROHM, J.-M. *Sociologie politique du sport*. Paris: Jena-Pierre Delarge, 1976.
- CARCOPINO, J. *A vida cotidiana: Roma no apogeu do Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 272-287.
- CAVALCANTI, K. B. *Esporte para todos: um discurso ideológico*. São Paulo: Ibrasa, 1984.
- CHARTIER, R. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.
- DAMATTA, R. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: \_\_\_\_\_. (org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982, p. 19-42.
- DUNNING, E. *Sport matters: sociological studies of sport, violence and civilization*. London and New York: Routledge, 1999.
- FAVERSANI, F. Panem et Circenses: breve análise de uma perspectiva de incompreensão da pobreza no mundo romano. *Varia História*, Belo Horizonte, n. 22, p. 81-87, jan. 2000.
- \_\_\_\_\_. *Estado e sociedade no Alto Império Romano: um estudo das obras de Sêneca*. Ouro Preto: Editora UFOP, 2012.
- FRANCO JÚNIOR, H. *A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FRIEDLÄNDER, L. *La sociedad romana: Historia de las costumbres en Roma, desde Augusto hasta los Antoninos*. México: Fondo de Cultura económica, 1947.
- FUNARI, P. P.; GARRAFFONI, R. S. *Historiografia: Salústio, Tito Lívio e Tácito*. Campinas: Unicamp, 2016.
- GARRAFFONI, R. S. Arenas antigas e estádios modernos. *Recorde: Revista de História do Esporte*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-15, jun. 2008.
- \_\_\_\_\_. Panem et circenses: O século XIX e a construção de um conceito. In: \_\_\_\_\_. *Gladiadores na Roma antiga: Dos combates às paixões cotidianas*. São Paulo: Annablume: 2005, p. 68-91.

- GUARINELLO, N. L. Violência como espetáculo: o pão, o sangue e o circo. *História*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 125-132, 2007.
- GUTTMANN, A. *From ritual to record: the nature of modern sports*. New York: Columbia University Press, 1978.
- JOLY, F. D. *Tácito e a metáfora da escravidão: um estudo de cultura política romana*. São Paulo: Edusp, 2004.
- LENK, H. *Pragmatische Vernunft: Philosophiezwischen Wissenschaft und Praxis*. Stuttgart: Reclam, 1979.
- OMENA, L. M. A criação de uma tradição: a ociosidade da *plebs* romana. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, Uberlândia, v. 21, n. 38, p. 9-21, 1º sem. 2008.
- \_\_\_\_\_. Os ofícios: meios de sobrevivência dos setores subalternos da sociedade romana. *Revista de História e Estudos Culturais*, Uberlândia, v. 4, n. 1, 2007.
- RIBEIRO JÚNIOR, A. et al. *O lado sujo do futebol: a trama de propinas, negociatas e traições que abalou o esporte mais popular do mundo*. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2014.
- RIGAUER, B. *Sport and work*. Translated with an introduction by Allen Guttmann. New York: Columbia University Press, 1981.
- ROBERT, J.-N. *Os prazeres em Roma*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- ROSTOVTZEFF, M. *História de Roma*. Trad. Waltensir Dutra. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- VAZ, A. F. Técnica, esporte, rendimento. *Movimento*, Porto Alegre, v. 7, n. 14, p. 87-99, jul. 2001.
- VEYNE, P. *Pão e circo: sociologia histórica de um pluralismo político*. São Paulo: Unesp, 2015.
- VITORINO, M. V. C. *Juvenal: o satírico indignado*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.